

# Desterradas na própria terra? O nacional e o estrangeiro nos diários de Helena Morley e de Cecília de Assis Brasil

Daniela Kern

**Resumo:** Este artigo analisa alguns exemplos de hibridismo cultural presentes nos diários de Helena Morley e de Cecília de Assis Brasil, e o modo como, através de seu ponto de vista feminino, conciliam em suas idéias sobre temas variados (moral do trabalho, escravidão, política, vida no campo) influências culturais nacionais e estrangeiras.

**Palavras-chave:** Cecília de Assis Brasil. Helena Morley. Identidade Feminina. Identidade sociocultural. História das Idéias.

**Abstract:** This article examines some examples of cultural hybridism in the journals of Helena Morley and Cecilia de Assis Brasil, and how they, by a female point of view, are able to combine in their ideas on various topics (moral labour, slavery, politics, country life), national and foreign cultural influences.

**Keywords:** Cecília de Assis Brasil. Helena Morley. Female Identity. Sociocultural Identity. History of Ideas.

*Daniela Kern.* Doutora em Letras (PUCRS), Pesquisadora PRODOC e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. [danielapmkern@yahoo.com.br](mailto:danielapmkern@yahoo.com.br).

Texto recebido em 27/02/2009.

## O diário de Helena

Estimulada pelo pai, Alice Dayrrel Caldeira Brant, entre seus 13 e 15 anos, manteve um diário no qual escrevia tudo o que acontecia a ela e aos seus em Diamantina. Alice era neta de um médico inglês, seu pai procurava diamantes, e sua mãe, de tradicional e rica família da cidade, cuidava da casa e dos filhos. A menina Alice cresceu, os diários foram deixados de lado até que seu marido, Mario Brant, com quem se casara aos 18 anos e que se tornara um importante banqueiro em Minas Gerais, estimula-a a publicá-los, o que acontece em 1942. Na obra editada, Alice transforma-se em Helena Morley, e seus diários recebem o título de *Minha vida de menina*.

A jovem Helena convive em Diamantina com códigos culturais diversos (a ética do trabalho inglesa do pai, a religiosidade católica da família materna, de origem portuguesa, e a fabulação dos ex-escravos) e precisa fazer com que, juntos, tais códigos façam sentido para ela. Além disso, há seu temperamento, suas preferências. Helena vai direto ao ponto: gosta de festas, de alegria, gosta de aproveitar a vida, como escreve em 4 de maio de 1893, quinta-feira.

O dia pior para mim é o dia seguinte a qualquer festa. Mamãe é que tem pena de mim porque diz que eu não vou ser feliz com este gênio de querer aproveitar tudo; que a vida é de sofrimentos. Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos.<sup>1</sup>

Ao seu gosto por festas ela deve ajustar a necessidade de trabalhar. Seu pai, Alexandre, como inglês típico, valoriza sobretudo o trabalho com as próprias mãos. E sua mãe, Carolina, adere integralmente à moral do trabalho do marido. Ela, que fora criada servida por vasta escravaria e cujas irmãs estão também acostumadas a serem servidas, faz questão de trabalhar nos afazeres domésticos e de estimular os próprios filhos ao trabalho, conforme a entrada de 26 de julho de 1893, quarta-feira:

<sup>1</sup> MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 52.

Passei roupa até agora e ainda não acabei tudo. Amanhã vou me levantar cedinho, arear meu quarto, terminar a roupa e deixar tudo prontinho. Como vamos sempre às oito horas, terei tempo. Levo os livros e estudo as lições no campo. Mamãe não gosta de ter criada porque diz que nós precisamos de trabalhar.<sup>2</sup>

Os irmãos de Helena, como ela, são acostumados a trabalhar, em contraste com seus primos de origem portuguesa, que apenas brincam e estudam. Tal costume, no entanto, por vezes entra em conflito com a visão colonial portuguesa do trabalho como tarefa de escravos, o que Helena perspicazmente percebe quando, em 27 de setembro de 1893, quarta-feira, conta o que aconteceu com seu irmão Nhonhô na Santa Bárbara:

Mamãe contou que na Santa Bárbara, quando iam para a Água Quente de manhã, Bibiana fazia uma trouxa das toalhas e das roupas e dizia a Nhonhô: “Toma, Joãozinho, leva; você gosta”. Mamãe não se importava. Meus irmãos são criados no trabalho. Meu pai diz que na Inglaterra não há negros e são os brancos que trabalham. Diz que um homem do povo, se for inteligente, trabalhador e direito, pode chegar a ser ministro da Rainha.<sup>3</sup>

Em outra ocasião, quando passeavam na fazenda de seu João Pereira, Bibiana, prima de Helena, não admite que seu irmão mais novo, Zezé, carregue o feixe de caninhas que seu João ofereceu aos meninos, pois não é “negrinho de senzala”; por outro lado, não vê problema em que o primo, o pequeno Nhonhô, faça a mesma tarefa. A mãe de Helena indigna-se, deixa que sua criação como dona de escravos fale mais alto do que a ética do trabalho do marido e impede que Nhonhô carregue o tal feixe. O marido, ao saber do ocorrido, seguro da identidade inglesa do filho, isto é, convicto da superioridade racial e cultural dos ingleses sobre os africanos, manda que Nhonhô trabalhe como antes. Ou seja, se para a mãe de Helena o trabalho ainda é um fator que, em momentos decisivos, distingue a identida-

<sup>2</sup> *Idem*, p. 70.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 90-91.

de de negros e brancos, para o pai essa identidade se apóia em outras bases, o que deixa intacta a moral do trabalho inglesa. Se para a mãe de Helena um branco trabalhando pode assemelhar-se a um negro, para o pai dela, trabalhando ambos ou não, brancos e negros são essencialmente diferentes. O raciocínio do pai é explicado por Helena em outra passagem, de 14 de dezembro de 1895, sábado:

Meu pai não deixa meus irmãos ficarem sem trabalhar, dizendo que o trabalho só desonra aqui, porque só os escravos é que trabalhavam e que onde não havia escravos o trabalho é honroso. Na nossa família nunca ninguém deixou um filho carregar um embrulho na rua. Só pensavam em fazê-los doutores. E agora como vai ser?<sup>4</sup>

Helena descreve em 10 de fevereiro de 1894, sábado, outra situação em que conflito semelhante se fez presente:

Nunca nos aconteceu, desde que meu pai minera na Boa Vista, voltarmos tantos dias antes de acabarem as férias como agora. [...].

Fomos indo muito bem até a menina adoecer. Virgínia dormia no quarto pegado ao nosso. De noite a menina dela acordou chorando de dor de barriga. Pulei da cama, corri ao quarto e tomei a menina para ninar. Apertei a barriguinha de um jeito que a pobrezinha calou e fiquei passeando com elas cantando até que ela ferrou no sono. Pus a menina na cama e ela foi num sono só, até o dia seguinte.

Na outra noite a mesma coisa. Levantei-me e fiz como na véspera. No terceiro dia mamãe me segurou: “Não vá! Que bobagem é essa agora de passar as noites pajeando negrinha?”. E não me deixou sair.<sup>5</sup>

Helena, impedida pela mãe, não atende a menina. A mãe da menina, Valéria, constrangida pelo choro, dá uma palmada na pequena, e Helena não se agüenta: “[...] fui buscar a menina. Deixá-la chorar de dor e ainda por cima apanhar, eu não podia ver. Não cheguei a ficar com ela meia hora. A coitadinha soluçou, até dormir”.<sup>6</sup> É interessante como ela

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 322.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 124-125.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 125.

concilia, nessa história, as influências das diferentes visões de mundo da família do pai e da mãe. Mais uma vez, aqui, seu pai e sua mãe comportam-se de modo diverso diante do problema que se apresenta: Helena está pajeando uma negrinha. Que fazer? Para o pai isso não é incômodo: “Se não temos outro jeito a dar, é ter paciência”.<sup>7</sup> Como já vimos, não é no trabalho que ele localiza a diferença entre negros e brancos. Já para a mãe de Helena a situação é intolerável: “Você não sabe como eu fico aborrecida de vê-la sair da cama com este frio, e ficar descalça carregando negrinha dos outros”.<sup>8</sup> Servir um negro para ela é rebaixar-se. A própria Helena afirma que se a menina fosse branca, não haveria problema algum. Helena gosta muito de crianças, independentemente de sua cor:

Eu dou razão a mamãe de ficar zangada comigo. Mas que hei de fazer se não posso mudar meu gênio? Penso que se a menina fosse branquinha mamãe não se incomodava. Mas ela sempre ralha da gente pajejar negrinhos. Que culpa têm os pobrezinhos de serem pretos? Eu não diferença, gosto de todos.<sup>9</sup>

Nesse seu modo de ver existe, se atentarmos bem, um pouco da postura do pai no momento em que não há problema para ela em servir a um negro, não é o trabalho que define sua identidade, como deixa claro nessa passagem de 26 de abril de 1894, quinta-feira, em que descreve as suas muitas tarefas domésticas e conclui com uma inusitada comparação entre o trabalho escravo e o seu:

Eu sou a mais pobre da minha roda. Vejo a diferença da minha vida e das outras e não as invejo. Se elas soubessem os meus serviços em casa e na Chácara teriam pena de mim; no entanto eu gosto muito de todos eles. Em casa tenho de passar as roupas a ferro, fazer a arrumação e nas quintas-feiras arear a metade da casa. [...]. Na Chácara ajudo a apanhar jabuticabas e espremer para fazer vinagre, a apanhar café, a colher frutas. Ajudo a fazer molhos de verduras para vender, a fazer velas e outras coisas mais. [...].

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 126.

pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim.<sup>10</sup>

Helena gosta de festas, como já destacamos, mas é muito ativa e o trabalho é por ela encarado como uma boa maneira de gastar seu tempo e sua energia. Logo, seu entendimento do trabalho é bem mais pragmático do que o de seu pai, que transforma o trabalho em um ideal, em uma forma de enobrecimento do homem — Helena não pensa que trabalhando será mais nobre; ela acha, isso sim, que trabalhando evitará o tédio. Em seu pragmatismo, o trabalho, tanto para ela, quanto para os antigos escravos, é uma benção que impede o aborrecimento que é ficar “à toa”.

A diferença essencial entre a visão de Helena e a de seu pai no que diz respeito à definição da própria identidade por meio do trabalho reside, contudo, no seguinte: ainda que na prática adote a ética do trabalho, a menina não está convicta da superioridade de sua identidade inglesa, não se identifica com a cultura da Inglaterra e não acha que seja melhor do que a que encontra em Diamantina. Em gostos e modos de agir, são mais familiares para Helena os ex-escravos que a rodeiam do que os ingleses. Quando sua tia Madge a obriga a ir para a escola com uma sombrinha inglesa, Helena morre de vergonha e trata de esconder o malfadado objeto. Quando seu pai tenta lhe ensinar inglês, Helena se aborrece mortalmente e não faz questão nenhuma de aprender a língua. O trabalho, o desempenho das mesmas tarefas facilita a identificação, em alguns aspectos, de Helena com os ex-escravos, e a frouxíssima ligação com a cultura inglesa acaba por facilitar tal aproximação. Além disso, pela parte da família da mãe, há o exemplo do envolvimento afetivo com ex-escravos tratados como filhos desde pequenos. Esse envolvimento não é característico, sem dúvida, da parte inglesa da família, que mantém distanciamento maior. Sobre o gosto que sua avó materna e sua tia tinham em criar crianças negras, Helena escreve o seguinte, em 18 de agosto de 1894, sábado:

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 148-149.

Meu pai e mamãe sempre conversam em casa sobre a mania de vovó e Dindinha nunca passarem sem um crioulinho para criar e gostarem tanto como se fosse branco. Cada uma tem sempre o seu. Se aquele cresce já vem outro para o lugar.

Vovó sempre cria negrinhas e Dindinha negrinhos. Quando são pequenos eu não me admiro, porque eu também gosto muito de menino pequeno e acho muita graça no Joaquim que Dindinha está criando agora. Ela o manda fazer gracinhas para nós e ele é muito engraçadinho. Mas gostar de negrão é que eu acho uma coisa esquisita.

Nestor é um negrão muito entonado e faz muita jeriza na gente a liberdade que ele toma na Chácara. Abre os armários de Dindinha e tira o que ele quer. Dindinha já o pôs no ofício de sapateiro mas ele não pára na tenda; está sempre em casa.<sup>11</sup>

O hibridismo entre as diferentes visões de mundo herdadas por Helena também se faz presente nessa passagem. Como a avó e a tia, Helena gosta de criar crianças negras. Mas como o pai, ainda que por motivos diferentes, Helena valoriza o trabalho. Como Helena não é propriamente igualitarista, acredita piamente que negros e brancos são de naturezas distintas. Exemplo é seu comentário sobre Margarida, integrante de uma família de “negros limpos e bem-educados”. Ao saber que ela teve um filho e não observou resguardo, voltando ao trabalho imediatamente, Helena conclui, espantada, em 28 de dezembro de 1895, sábado: “Não é tudo tão diferente com essa gente?”<sup>12</sup> Assim, poucas coisas parecem irritar mais Helena do que um negro adulto que não trabalha. A condescendência que ela apresenta para com os primos brancos, na mesma situação, desaparece quando se trata de Nestor, o filho de criação negro de sua tia. Se um branco adulto que não trabalha é tipo por mimado, um negro adulto é visto, para dizer o mínimo, como vagabundo. O não-igualitarismo de Helena também se percebe quando narra o casamento de uma das ex-escravas de sua avó, Florisbela:

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 178-179.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 332.

Vou escrever aqui o que aconteceu hoje na Chácara de vovó e que é muito triste. As negras da Chácara do tempo do cativo são todas pretas, mas não sei por que saiu uma branca e bonita. Chama-se Florisbela mas nós a tratamos de Bela. Ela casou com um negro que faz até tristeza. No dia do casamento houve uma mesa de doces e fazia pena ver Bela sentada perto do noivo, coitada. Marciano é o negro mais estimado da Chácara. Aprendeu o ofício de ferreiro e entra na sala para cumprimentar vovó e minhas tias. Mesmo assim eu não queria que Bela casasse com ele. Ela é tão bonitinha! Parece até uma rosa-camélia, clara, corada e com uns dentes lindos. No dia do casamento meu pai disse: “É um brilhante no focinho de um porco”. Todo mundo teve pena. Mas ela quis e vovó diz que gostou porque Marciano é muito bom e trabalhador.<sup>13</sup>

Florisbela, “branca e bonita”, merecia partido melhor do que um negro, na opinião da inglesinha. Aqui a admiração de Helena pelo trabalho cede lugar ao convencimento estético de que brancos são mais bonitos do que negros. Sua avó, surpreendentemente, é que toma o partido mais “esclarecido” na situação. A única que gostou do casamento, ela não levou em consideração a cor de Marciano na hora de emitir opinião, e sim o seu caráter (“muito bom e trabalhador”).

Quando questões estéticas não estão envolvidas (negros casando com brancas), muito menos o pouco gosto de alguns negros adultos pelo trabalho, verdade seja dita, Helena mostra toda a sua simpatia para com os ex-escravos que habitam Diamantina. Na escola, chega mesmo a preferir os professores negros, contrariando as crenças de seu pai, e assim se justifica, em 22 de novembro de 1895, sexta-feira:

Fiquei no banco de trás, abri o livro e estava copiando o ponto sossegada; quando olho para a mesa, vejo Dr. Teodomiro olhando para mim e rindo. Levei um grande susto, peguei o livro e escondi na gaveta. Ele percebeu meu sobressalto, tomou um jornal e tapou a cara para não ver. E não disse nada.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 127.

Como se pode ser tão bom como o nosso professor Dr. Teodomiro! Depois meu pai ainda diz que gente escura não presta. Na Escola, pelo menos, os melhores são ele e Seu Artur Queiroga. Os brancos são crus de ruindade.<sup>14</sup>

A visão complexa de Helena sobre os negros e sobre o trabalho mistura, em diferentes medidas, tanto atitudes “esclarecidas” quanto atitudes “preconceituosas” decorrentes dos modos de pensar inglês e colonial brasileiro. Roberto Schwarz, no ensaio *Outra Capitu*, vê Helena como uma heroína das Luzes, uma menina esclarecida perdida no meio da “barbárie” colonial: “Digamos que a escrita de Helena é impulsionada por uma força de ligação cujo adversário são as segregações e formas de estupidez peculiares à sociedade brasileira de matriz colonial”.<sup>15</sup> Essa afirmação, no entanto, não parece condizer com a realidade. O pensamento de Helena não apresenta “idéias fora do lugar”, não se trata de olhar o país com liberais olhos ingleses. O pensamento de Helena extrai empatia para com o próximo da “matriz colonial” criticada por Schwarz (como sua avó, adora cuidar de crianças negras), e também extrai o respeito ao trabalho da cultura inglesa. Se ele é, em boa medida, consideravelmente liberal para sua época, é por misturar, de uma forma peculiar, duas culturas diferentes, e não por representar, como quer Schwarz, a superioridade de um sistema de pensamento (seja a ética do trabalho inglesa, seja o Iluminismo francês) sobre o outro.

### O diário de Cecília

Cecília de Assis Brasil nasceu em Washington, no dia 26 de maio de 1899. Seu pai, Joaquim Francisco de Assis Brasil, era, então, embaixador brasileiro nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, Assis Brasil constrói o castelo de Pedras Altas, no município que viria a se chamar Pinheiro Machado, e para lá se muda com a família em 1914. A jovem Cecília inicia, no Castelo, a escrita de um diário que, ao longo dos anos, servirá tanto para guardar suas impressões de leitura, suas observações sobre a natureza, quanto

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 316.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 70.

para registrar o cotidiano da família a fim de manter seu pai, constantemente viajando, informado. Seus diários não foram publicados em vida. Apenas em 1983 foram organizados pelo jornalista Carlos Reverbel que, com a permissão de Joaquina de Assis Brasil, a Quimquim, irmã de Cecília, pôde publicá-los em livro. Note-se que os diários publicados não contêm o texto integral: são uma seleção de Reverbel, que escolheu junto aos cadernos, muitos incompletos (alguns foram perdidos, como os referentes aos anos de 1919 a 1922), os trechos que lhe pareceram mais interessantes.

Nos diários publicados de Cecília, desde o primeiro caderno percebe-se o gosto da autora pela cultura e pela linguagem gaúcha. Cecília, que vive no campo, em primeiro lugar deixa bem claro que não o troca por nada, como se percebe nessa entrada do dia 24 de outubro de 1916, terça-feira:

Demos umas voltas a pé, de tarde, e as minhas companheiras tentaram convencer-me que São Paulo ou Paris são melhores do que o Ibirapuitã. Quando for a esses lugares saberei ao certo, mas por enquanto agarro-me ao meu ideal: a vida do campo. Sou assim, e agora? Tenho plena confiança de que meu amor ao campo nunca cessará de crescer.<sup>16</sup>

Cecília envolve a vida no campo em uma aura poética: trabalhar junto à natureza, ajudá-la a fazer o seu trabalho cultivando a vida, é o que embeleza o mundo, e não há melhor lugar para isso do que o campo. Esse credo de Cecília está exposto em outra entrada de 1916, do dia 25 de dezembro, uma segunda-feira, na qual discorre sobre sua vontade de cozinhar para a família:

De noite pedi à Mamãe que me deixasse um dia cozinhar. Ela me deu licença para fazer o almoço amanhã. [...]. Todos deviam nascer com o firme propósito de embelezar e tornar perfeito o canto do mundo em que vivem; por menor que seja, o esforço sempre há de aparecer. Tenho verdadeira pena de quem nunca comeu sequer uma batata plantada pelas suas próprias mãos, bem como dos que não conhecem os encantos que há

<sup>16</sup> ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 12.

na criação de um guacho, que nunca souberam como é bom colher flores no jardim onde se tenha acompanhado o desenvolvimento da planta, desde o primeiro broto saído da terra negra até alcançar os raios do sol, até o abrir das pétalas em flor.<sup>17</sup>

Já o amor pelo Rio Grande do Sul, cujos campos são idealizados por Cecília, é francamente expresso no início da Revolução de 1923, em trecho de carta enviada à amiga Alzira que copiou em seu diário em 16 de maio daquele ano, quarta-feira:

Se for possível, manda-me notícias da minha terra e da nossa gente. Agora, mais do que nunca, tenho orgulho de ser rio-grandense. Repara bem: só o Rio Grande teve coragem de reagir contra esse governo infame, e Deus sabe com que sacrifícios. Creio mesmo que o atual esforço do Rio Grande é o princípio da reabilitação da República, pois nunca se viu neste País movimento político igualmente nobre.<sup>18</sup>

Seu pai acabara de perder as eleições para a presidência da Província, resultado notoriamente fraudulento. O pleito ocorreu em novembro de 1922, mas a apuração dos votos (32.216 para Assis Brasil contra 106.360 para Borges de Medeiros) foi realizada apenas em janeiro de 1923.<sup>19</sup> Foi esse o estopim para a Revolução de 1923, e é a ela que Cecília se refere no trecho que acabamos de citar.

Mas voltemos a 1917. Cecília presta muita atenção na linguagem dos gaúchos. As expressões que considera pitorescas cita sempre entre aspas, como as que aparecem no relato da demonstração do uso de boleadeiras, por seu pai, em 3 de março daquele ano, domingo: “No meu conceito, o dr. Martinho ‘lavrou um tento’ hoje. Papai trouxe as boleadeiras do escritório para mostrar aos paulistas como se faz um ‘tiro de bolas’”.<sup>20</sup> Outro exemplo é o comentário que faz sobre a lua que apareceu após um temporal, no sábado, 2 de janeiro de 1926:

Ontem veio um pé de vento. O tempo armou-se, fuzilou, caíram mesmo uns pingos. Mas daí a pouco subiu a lua encarnada e “desgastou as nuvens”, como dizem

<sup>17</sup> *Idem*, p. 24-25.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 60-61.

<sup>19</sup> TAVARES, José Antônio Giusti. *Representação política e governo: J. F. de Assis Brasil dialogando com os pósteros*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005, p. 19.

<sup>20</sup> ASSIS BRASIL, Cecília de. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 96.

os gaúchos. O Papai disse bem: “em tempos de seca até chuva é sinal de seca...”<sup>21</sup>

E a linguagem tipicamente gauchesca adotada por um hóspede, João Cavalheiro, definitivamente a diverte, como registra no dia 28 de julho de 1927, quinta-feira:

Chegou um moço, com um cavalo de tiro. Vem fugindo das perseguições dos chimangos. Trouxe um cartão de recomendação do Zeca Martins, em cuja estância ele estava. Chama-se João Cavalheiro. É revolucionário de 24 e 25 e fez toda a cruzada de 26 com a gente do coronel Favorino, na coluna do Zeca Neto. Chegou ao posto de capitão. Ele tem nos contado muita coisa interessante [...]. O capitão João Cavalheiro recebeu nove balaços no corpo e teve uma perna quebrada. Conta suas aventuras na linguagem pitoresca dos gaúchos, dando graças a Deus que a bala que lhe atravessou o “figo” não lhe tivesse furado o “felix”. Teve o pulso, o estômago e o pulmão varados à bala. Ferido, esteve escondido nuns matos, sendo afinal encontrados pelos companheiros, abichado numa perna. E agora anda por aqui, são e salvo. Nem renqueia.<sup>22</sup>

Até aqui destacamos apenas as passagens em que Cecília está atenta à cultura regional. Mas ela também presta atenção no contato entre a cultura gaúcha e a platina, e nos resultados dessa mistura, desse hibridismo cultural, como se pode apreender nessa passagem de 9 de janeiro de 1928, segunda-feira:

O velho Cantalício está aqui. Ontem de noite, ele nos contou uma porção de histórias de fadas e a do Ali Babá. Tudo naquela linguagem pitoresca, misturando brasileiro com castelhano. Nas suas histórias os reis recebem os príncipes com um mate e mandam desencilhar e atar o cavalo na ramada. Quando Ali Babá e os 40 ladrões chegam na pedra da caverna encantada, gritam: “Abrite, perejil sin ojas”.<sup>23</sup>

E também nessa outra, registrada em 10 de janeiro do mesmo ano, terça-feira, que dá prosseguimento à anterior:

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 148-149.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 173-174.

Papai preparou uma guampa, com fundo de salso, para tomar apoio e coalhada. Há muito tempo que ele desejava ter uma guampa para esse fim. Enquanto raspava e limava o pedacinho de salso para adaptar no fundo da guampa, mandou-me ler alto uma viagem maravilhosa de Fernão Mendes Pinto (o Marco Polo português), publicada em 1614. O velho Cantalício despediu-se e voltou para o Berachi. Antes de sair fez considerações sobre as vantagens do cavalo de trote bem duro e mau cômodo, principalmente no verão. Ei-las, nas suas palavras: “Você empeza uma viagem num cavalo de cômodo bom, vai troteando ou marchando e vai aquecendo; agora, num cavalo de trote duro, você vai sacudindo e saltando e a fresca vai passando por baixo”.<sup>24</sup>

Pelas passagens citadas, poderíamos imaginar Cecília como uma moça gaúcha típica do campo, amante da natureza e dos costumes de sua terra, e curiosa com relação aos hábitos dos vizinhos. No entanto, em vários outros trechos dos diários, como veremos, a atipicidade de Cecília e de sua família aparece com clareza. E essa atipicidade reside justamente no modo como os Assis Brasil incorporam no seu dia-a-dia idéias e costumes recebidos de diferentes estratos culturais e de diferentes países. Os Assis Brasil diferiam da média dos gaúchos da época, a começar pela educação. Assis Brasil contratava governantas estrangeiras para ensinar os filhos em casa, proporcionando-lhes tanto o domínio de diversas línguas (francês, inglês, alemão) quanto uma visão cosmopolita da vida. Quimquim, em uma entrevista, nos conta o que os chimangos, inimigos de seu pai, então pensavam sobre essa forma de educar:

Esse sistema de educação que papai deu aos filhos, os chimangos achavam muito antipatriótico. Diziam que se alguém quisesse ver um caso de anti-patriotismo, era só ir a Pedras Altas para ouvir sussurros em inglês, francês e alemão. Achavam isso muito freio (risos).<sup>25</sup>

A crítica dos Chimangos não alterou a educação recebida em Pedras Altas. Sem nenhuma afetação,

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 174.

<sup>25</sup> ENTREVISTA com Joaquina de Assis Brasil. In: ROCHA, Arthemiza Weimann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1995. p. 129.

Cecília utiliza expressões em inglês e francês no relato sobre uma de suas travessuras, a fritada de cobra preparada por Quimquim com sua conivência, relato escrito em 29 de outubro de 1916, domingo:

A Quim preparou a fritada de lambaris com cobra. E ela mesma a serviu, no almoço. Tivemos um *succès fou*. No prato da Bá ela descarregou quase unicamente pedaços de cobra. *Are you linking them?* A Bá respondia dizendo que só deixara o que não podia comer. E afastava delicadamente o espinhaço da cobra para a beira do prato. A Maninha e a Dina também comeram, mas em menor quantidade. Quando revelamos, no fim do almoço, o que haviam ingerido, elas ficaram horrorizadas. Depois Maninha, ainda horrorizada, passou nos tremenda capina.<sup>26</sup>

A brincadeira inglesa dos irmãos convive pacificamente com uma referência ao Antônio Chimango, a famosa obra de Ramiro Barcelos, nessa outra entrada do diário, de 1 de novembro de 1916, quarta-feira:

[...] Brincamos o jogo do *I'm seeing a person that you can't see*. Mateamos tanto que esvaziamos duas chaleiras. Armava-se um temporal, como está no Antônio Chimango: "Quem isto sabe não erra:/Um cheirinho assim de terra,/ Que vem de lá não sei d'onde/ Avisa que não se ronde,/ Mas que se busque uma encerra".<sup>27</sup>

E também não há conflito algum entre a leitura de Kipling em inglês e o cultivo de uma gauchíssima plantação de cuias, conforme lemos nesse trecho de 10 de janeiro de 1917, quarta-feira: "Li até a madrugada, terminando *Days Work*, de Kipling. A Iolanda está um pouco melhor. Encontrei uns poronguinhos, recém-nascidos na minha plantação de cuias".<sup>28</sup>

Expressões em inglês aparecem mesmo quando Cecília fala sobre a preparação para o eminente conflito de 1923, na quarta-feira, 3 de janeiro daquele ano: "Os jornais continuam a trazer notícias alarmantes. Parece que o Chimango está distribuindo armamentos. *We are prepared!*".<sup>29</sup>

Carlos Reverbel já havia observado muito bem

<sup>26</sup> ASSIS BRASIL, Cecília de. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 15.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 52.

que uma das peculiaridades do diário de Cecília é o fato de reverberar o *modus vivendi* de sua família: “[...] bem diferente é este Diário, pois Cecília de Assis Brasil nele projetou não apenas sentimentos, vivências e observações individuais, mas sobretudo o singular estilo de vida de sua família, extraordinariamente coerente e bem estruturado”.<sup>30</sup> Isto é, a maneira cosmopolita de amar sua terra de origem é, sem dúvida, herança das idéias recebidas por seu pai, idéias que podemos acompanhar em um de seus alentados discursos, *Ditadura, Parlamentarismo, Democracia*, proferido no Congresso que criou o partido Republicano Democrático, em Santa Maria, a 20 de setembro de 1908.

Antes de mais nada, Assis Brasil é um árduo defensor da educação em uma época na qual se cogitava que os problemas da nação poderiam ser uma questão de raça:

O modo de livrar o povo d’essa funesta illusão e de outras eguaes é fazel-o educado e prospero. Ora, parece que, proclamando esta verdade, eu não pretendo virtude alguma especial para o nosso partido; porque não é admissível que nenhum outro partido deixe de ter tão bons desejos como o nosso de desenvolver a educação e a riqueza da comunidade, e sou o primeiro a admitir muito sinceramente da existencia de um partido, não só aqui, mas em qualquer parte do mundo já liberta das tristes aberrações do obscurantismo medieval, composto de monstros taes que não desejassem ver a patria esclarecida e próspera. Não bastam, porém, bons desejos. É o caso de repetir uma sentença de que já fiz uso: — todos amam a pátria; nem todos *sabem* amal-a.<sup>31</sup>

Além disso, Assis Brasil, ao contrário dos chismangos, entre os quais muitos simpatizavam com o separatismo, defende sempre que o Rio Grande do Sul seja pensado em termos nacionais:

Esta tem sido a principal causa do frisante contraste que se nota entre o brilhantismo e a innocuidade do papel que o Rio Grande tem representado na política brasileira. Ainda que tal não digam claramente, parece que os nossos mais conspicuos conterraneos teem sem-

<sup>30</sup> REVERBEL, Carlos. Introdução. In: ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 5-6.

<sup>31</sup> ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *Dictadura, parlamentarismo, democracia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927. p. 44.

pre entendido que é preciso ser mais Riograndense que Brasileiro. Compreende-se que tal concepção do patriotismo pôde ser tudo, menos *sympathica* aos nossos irmãos das outras secções do territorio da Patria. Eu não; eu considero-me muito mais Riograndense, sendo Brasileiro, do que sendo apenas Riograndense.<sup>32</sup>

O bairrismo deve ser evitado a todo custo, em áreas importantes como a política:

A verdade que resalta d'esses ensinamentos é que o que faz o estadista não são simplesmente as qualidades pessoaes, mas sobretudo o principio, o espirito que o homem representa. Se o Rio Grande quer colaborar nos negócios da nação, aspirando a alguma cousa mais que ter assento nos conciliabulos da intriga politica, onde se architectam combinações ephemerhas ou negativas — é preciso que compareça na arena da grande e saudavel competencia nacional, ostentando principios em harmonia com a opinião e o sentimento do paiz. E os partidos aqui formados, por mais dignos de respeito que sejam os seus sustentadores, estão condenados pela logica das cousas a debater-se perpetuamente na jaula estreita do bairrismo, emquanto não abrirem mão da pretensão absurda de submeter o Brasil ás suas novidades ou ás suas velharias.<sup>33</sup>

O bairrismo, para Assis Brasil, é danoso pela atitude que implica, a de ignorar a cultura alheia, fechando-se na própria cultura. Esse tipo de atitude faz com que seus adeptos, muitas vezes, acreditem ingenuamente que estão inventando a roda, como assevera Assis Brasil na irônica critica que dirige a Borges de Medeiros:

Estas idéas, como tudo quanto aqui digo teem um merito, se lhe faltarem quaesquer outros: é que não são inventadas por mim. São antigas e sabidas como a sicencia (sic) de bem governar. O que ellas não podem realmente é ser inventadas. Aos distinctos patricios que nos teem governado, por exemplo, ellas não impressionaram tanto como o prurido de inventar systemas originaes de govêrno, porque ellas deviam participar da

<sup>32</sup> *Idem*, p. 49.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 58.

soffregudão propria da adolescencia do espirito inexperiente, Tudo quanto elles não viram era e é como se não existisse. Não foi certamente falta de boa vontade o que fez a esterilidade patente dessa decima parte do seculo durante a qual nos governou o nosso honrado conterraneo sr. Borges de Medeiros. Que podia elle ter aprendido, limitando o seu ardor de viajante, por agua e por terra, ao trajecto de Porto Alegre à Cachoeira e da Cachoeira a Porto Alegre, e ainda assim privado de ver e observar, com o cerebro sempre povoado dos intrincados problemas de fazer e — sobretudo de desfazer — eleições? (Grandes risadas e applausos)<sup>34</sup>

Olhar para outras culturas, no entanto, não significa copiá-las pura e simplesmente. Assis Brasil argumenta que, mesmo para a criação de instituições originais, o intercâmbio cultural é necessário:

Em palavras anteriores eu alludi á espontaneidade com que elle [Pedro Moacyr] acolheu o meu conceito de que — não deviamos copiar os Anglo-Saxões da Europa, nem os da America, mas que deviamos reger-nos por uma organização original. Naturalmente, originalidade não quer dizer precisamente invenção. Nada há novo debaixo do sol, e menos ainda em materia de constituições politicas. A nossa originalidade deve consistir em não admittirmos instituição alguma só porque opera bem em determinado povo. Devemos, antes de tudo, verificar se iria igualmente bem entre nós.<sup>35</sup>

Os diários de Cecília são a concretização narrativa de um modo de vida que conseguiu ser coeso e bem estruturado ao fundamentar-se na interação com culturas estrangeiras sem nunca abandonar as raízes regionais, e é o exemplo acabado de mais uma das teorias de seu pai, a de que a unidade reside na variedade, teoria com a qual encerramos:

A minha theoria era então, como continúa a ser, que a unidade reside na variedade. Não é preciso que um ser qualquer esteja formado todo elle da mesma e unica substancia para não deixar de ser uno. Tal unidade só seria possivel, quanto ao mundo material, nos corpos

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 230-231.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 275.

simples, e quanto ao mundo moral, nas ideias primárias. É o que propriamente se chama identidade. A unidade dos organismos consiste na afinidade dos órgãos, em vista da harmonia do seu funcionamento. Cada órgão, não sómente pôde, mas deve, ser diferente do outro e dos outros, e isso não impede que todos trabalhem para uma finalidade única; essa diversidade é mesmo uma condição da unidade final, como a analyse é uma condição da synthese.<sup>36</sup>

### Referências

ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *Dictadura, parlamentarismo, democracia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927.

\_\_\_\_\_. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Cia. União de Seguros Gerais, 1982.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ENTREVISTA com Joaquina de Assis Brasil. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1995. p. 125-131.

REVERBEL, Carlos. Introdução. In: ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 5-10.

ROCHA, Arthemiza Weinmann. Cronologia histórica. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: UFSM, 1995. p. 35-99.

SCHWARZ, Roberto. Outra Capitu. In: \_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 43-144.

TAVARES, José Antônio Giusti. *Representação política e governo: J. F. de Assis Brasil dialogando com os pósteros*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 153.